

A inveja dos deuses, a inveja dos homens
(retrospectiva do incêndio do Goetheanum
ocorrido na noite de Reveillon de 1922 a 1923)

Rudolf Steiner

GA 260* Conferência 31 de dezembro de 1923 20:30 horas Dornach

Tradução: Salvador Pane Baruja, 26/03/2023

Uso particular e sem fins lucrativos

Meus queridos amigos,

Hoje estamos aqui reunidos sob o impacto de uma dolorosa lembrança e queremos incluir o conteúdo desta conferência inteiramente no contexto dessa dolorosa lembrança. Os senhores que estiveram presentes à conferência que um ano atrás¹ me foi permitido apresentar poderão lembrar o caminho percorrido, começando com a descrição das condições naturais terrestres até os mundos espirituais e a revelação desses mundos a partir do que está escrito nas estrelas. E também como existia a possibilidade de unir a totalidade da essência do coração humano, da alma humana, do espírito humano, àquilo que pode ser encontrado quando se toma o caminho a partir do terrestre não somente rumo à amplidão estelar, mas em direção ao que, através da amplidão estelar, retrata o espiritual como se fosse uma escritura cósmica.

O que por último me foi permitido escrever no quadro negro naquela sala, que logo nos foi tomada, estava destinado a elevar integralmente a alma humana até as alturas celestiais. Com isso, naquela noite foi estabelecida a ligação direta com o que deveria ter sido oferecido à totalidade da essência do nosso prédio do Goetheanum. Permitam-me os senhores falar hoje numa espécie de continuidade daquela conferência proferida um ano atrás a respeito dessa ligação que foi estabelecida.

Na época que precedeu o incêndio {do templo} de Éfeso {NT: no ano 356 antes de Cristo}, os que entendiam com o coração a essência dos Mistérios falavam aproximadamente da seguinte maneira: “O conhecimento humano, o saber humano, encontra um lar, um santuário, nos Mistérios”. Quando nesses tempos antigos os guias espirituais do mundo falavam entre si, ou seja, quando nos mundos espirituais se falava dos Mistérios – esta é apenas uma forma de linguagem para expressar o que se pensava nos mundos espirituais e que influenciava o mundo sensorial – portanto, nos mundos espirituais falava-se aproximadamente desta forma sobre os Mistérios: “Os seres humanos erguiram santuários nos Mistérios, onde nós, os deuses, podemos encontrar os seres humanos que oferecem sacrifícios e assim eles demonstram que nos compreendem”. De fato, na Antiguidade existia a consciência geral de que deuses e homens se encontravam nos santuários dos Mistérios e que tudo o que carrega e sustenta o mundo dependia do que ocorria entre deuses e homens nos Mistérios.

Mas existe uma frase que é transmitida pela História convencional e que fala pungentemente ao coração do ser humano, mas que fala especialmente com emoção quando se vê como ela foi conformada a partir de acontecimentos muito especiais, escritos na História da humanidade com caracteres indelévels, mas visíveis ao espírito. Eu digo que essa palavra é vista todas as vezes que o olhar espiritual é dirigido ao ato de Heróstratos², ao incêndio de Éfesos. Aí entre as chamas pode-se encontrar a antiga frase: a inveja dos deuses.

1 É uma referência à conferência de 31 de dezembro de 1922, publicada em *A correlação entre o mundo estelar e o ser humano. A comunhão espiritual da humanidade* (GA 219), Rudolf Steiner Verlag, sexta edição Dornach, 1994.

2 Para que seu nome passe para a posteridade, Heróstratos, um morador de Éfeso, incendiou o templo de Artemísia em Éfeso, no ano 356 antes de Cristo.

Aliás, eu acredito que, em meio dessas frases transmitidas dos tempos antigos, que podem ser captadas da vida da Antiguidade como acabei de descrever, essa é uma das mais terríveis do mundo físico: a inveja dos deuses. Naqueles tempos antigos, tudo o que vivia como entidade supra-sensorial, que nunca precisou surgir num corpo físico na Terra, era designado com a palavra “Deus” e distinguia-se entre as mais variadas categorias de deuses.

Certamente, aquelas entidades divino-espirituais ligadas de tal maneira à humanidade que a mais íntima essência do ser humano surgiu ao longo do tempo através delas, que sentimos tanto na majestuosidade da natureza quanto nos seus menores fenômenos, que sentimos através daquilo que vive no nosso interior, essas entidades divino-espirituais não poderiam ter sentido inveja. Contudo, na Antiguidade a expressão a inveja dos deuses expressava algo perfeitamente real. Se recuarmos aos tempos antigos quando o gênero humano se desenvolveu na época {do Mistério} de Éfeso, vemos que os mais desenvolvidos seres humanos individuais tinham incorporado muito do que lhes fora dado pelos deuses benignos nos Mistérios.

É absolutamente correto dizer que existe uma relação íntima entre os homens de bom coração e os bons deuses, que foi gradualmente consolidada nos Mistérios, de tal forma que o surgimento de determinados seres divinos luciférico-arimânicos perante a alma humana levou o homem a se aproximar cada vez mais aos bons deuses. É assim que os deuses {luciférico-arimânicos} passaram a ter inveja dos homens. Ao longo da História, ouvimos frequentemente que a inveja dos deuses era colocada como se fosse a razão do destino trágico de alguns seres humanos que aspiravam elevar-se espiritualmente.

Os gregos sabiam que a inveja dos deuses existia e achavam que alguns acontecimentos externos do desenvolvimento da humanidade eram o resultado dessa inveja divina. O incêndio de Éfeso mostrou claramente que uma certa evolução espiritual da humanidade só seria possível se os seres humanos chegassem a ter consciência de que existem deuses, ou seja, seres supra-sensoriais, que têm inveja do progresso vindouro do ser humano. Isso confere a coloração muito especial que caracteriza todos os relatos que contam o incêndio de Éfeso e também do nascimento de Alexandre, o grande³. Para a correta compreensão do Mistério do Gólgota também tem que se considerar que o ser humano olha um mundo que é preenchido pela inveja de determinados gêneros de deuses.

Sim, a atmosfera anímica, que já existia na {antiga} Grécia, começa a ficar impregnada pelos efeitos dessa inveja divina logo depois das guerras greco-persas. Aquilo que foi realizado na época macedônica ocorreu com plena consciência de que a inveja dos deuses pairava na atmosfera espiritual sobre a face da Terra. Mas isso foi realizado com toda coragem, de maneira ousada, apesar das incompreensões entre {esses} deuses e homens.

E o feito daquele Deus que era capaz do maior amor que poderia existir no mundo desceu nessa atmosfera que estava tomada pela inveja dos deuses. Só se pode entender corretamente o Mistério do Gólgota quando se inclui no ambiente geral a imagem das nuvens {anímicas} do mundo antigo da Hélade, Macedônia, Ásia Menor, Norte da África e Sul da Europa, que é a expressão da inveja dos deuses. O amor que flui através do Mistério do Gólgota penetra de maneira extraordinariamente calorosa e exalando bondade na atmosfera da Terra envolta nessas nuvens.

3 Alexandre, o grande (356 - 323 antes de Cristo) foi rei da Macedônia a partir de 336 e morreu na Babilônia.

Aquilo que até essa época era uma questão entre deuses e seres humanos, se é lícito falar dessa maneira, agora deve acontecer na vida física dos homens nesta nossa época, na época da liberdade humana. É possível mostrar como ela ocorre. Nos tempos antigos, quando se pensava nos Mistérios, falava-se na Terra que o conhecimento humano, a sabedoria humana, tinha um santuário nos Mistérios. Os deuses falavam entre si: “quando descemos até os Mistérios, encontramos o sacrifício dos seres humanos e sentimo-nos compreendidos por quem nos oferece o sacrifício”.

Na verdade, o incêndio de Éfeso marcou o início de uma época na qual o Mistério na sua antiga forma foi desaparecendo. Eu já contei anteriormente como o Mistério continuou existindo aqui e acolá, de maneira grandiosa, por exemplo no Mistério de Hibernia, onde foi celebrado o culto ao mesmo tempo que se cumpria o Mistério do Gólgota na Palestina. Sabia-se disso através da comunicação espiritual entre a Palestina e Hibernia, pois não existia comunicação material entre ambos os lugares. Mesmo assim, o Mistério como entidade presente no mundo físico continuou se afastando da Terra.

Os santuários externos, onde deuses e seres humanos se encontravam, perderam cada vez mais o seu significado e praticamente deixaram de existir nos séculos XIII e XIV depois do Cristo. Por exemplo, quem quisesse encontrar o caminho até o Santo Graal deveria saber como andar pelos caminhos espirituais. Nos velhos tempos anteriores ao incêndio do Éfeso, andava-se pelos caminhos físicos. Na Idade Média, só era possível andar pelos caminhos espirituais.

Era especialmente necessário percorrer caminhos espirituais nos séculos XIII e XIV, mais ainda a partir do século XV, para ter acesso a instruções realmente rosacruz. Seus templos estavam profundamente ocultos para quem participava da vida material exterior. Muitos autênticos rosacruz visitavam o templo, mas os olhos materiais dos seres humanos não podiam achá-lo. Os discípulos se dirigiam a esses antigos rosacruz, que podiam ser encontrados como eremitas do saber e do divino ato humano por aqueles que estavam em condições de captar no bondoso brilho dos olhos do mestre a linguagem dos deuses. Eu não digo nada de impróprio. Não quero expressar uma imagem, eu quero expressar plenamente uma verdade, que realmente era uma autêntica realidade na época à qual eu estou me referindo.

Só era possível achar o mestre rosacruz depois que a pessoa conquistara a faculdade de poder captar a linguagem celestial no brilho bondoso dos olhos físicos do mestre. Só aí então é que o discípulo entrava em contato com essas curiosas personalidades, nos mais humildes ambientes materiais e humanos na Europa dos séculos XIV e XV, que viviam interiormente preenchidos pelo divino e ligados aos templos espirituais, cujo acesso, porém, era igualmente difícil, como relata a conhecida lenda sobre o acesso ao Santo Graal.

Então, quando se observa o que ocorria entre um mestre rosacruz e seu discípulo, é possível ouvir a conversa entre ambos, que, transformada, também se apresenta sob a forma mais recente da sabedoria divina na Terra. As orientações do mestre eram absolutamente profundas e concretas. Assim, o discípulo que muito se empenhava em procurar um mestre rosacruz o encontrava na sua solidão. Ao olhar os olhos benevolentes do mestre que falavam a linguagem divina, o discípulo recebia, despretenciosamente, a seguinte orientação:

“Meu filho, observe a sua própria essência. Você carrega esse corpo que os seus olhos físicos veem. O centro da Terra envia as forças que tornam visível esse corpo para você. Esse é o seu corpo físico. Mas contemple o ambiente em torno de você na própria Terra. Você vê as pedras, elas estão na Terra voltadas para si mesmas, estão no seu ambiente. Elas podem manter a forma que recebem

das forças telúricas. Olha o cristal. Ele carrega sua forma consigo mesmo, essa forma contém a sua própria essência na Terra. O corpo físico de um ser humano como você não pode manter sua forma. Assim que a alma abandona o corpo humano, a Terra destrói esse corpo físico e o transforma em pó.

A Terra não tem poder nenhum sobre o corpo físico do ser humano. Ela tem o poder de plasmar as maravilhosas e transparentes formações de cristais e de preservá-las, mas não tem o poder de manter a forma do ser humano e deve deixar que esse corpo humano se transforme em pó. O corpo físico humano não pertence à Terra. O corpo físico que você tem é de uma elevada espiritualidade. O que gera a forma do corpo físico humano pertence aos serafins, querubins e tronos. O corpo físico humano não pertence à Terra, mas aos mais elevados poderes espirituais aos quais você tem acesso. A Terra pode destruir o corpo físico humano, mas nunca poderá formá-lo.

No interior do corpo físico humano, mora o corpo etérico. Chegará o dia quando o corpo físico que você carrega será retirado da Terra para ser destruído. Então o corpo etérico se espalhará pela amplidão do cosmo. A amplidão do cosmo sim que pode diluir o corpo etérico, mas não pode formá-lo. Ele só pode ser formado por aquelas entidades divino-espirituais que pertencem à hierarquia dos Espíritos do Movimento {também chamados de Virtudes}, da Forma {Potestades} e da Sabedoria {Denominações}. Você deve a eles o corpo etérico que você carrega.

No corpo físico, você reúne as substâncias físicas da Terra. As substâncias físicas da Terra transformam de tal forma o que existe em você que tudo o que é físico no ambiente do corpo físico torna-se desigual. O corpo etérico em você movimenta tudo o que é líquido, água, em você. Os líquidos que circulam no corpo físico estão sob a influência do corpo etérico. Mas olha o sangue em você: são os espíritos da Forma, do Movimento e da Sabedoria que impulsionam o sangue que circula como um líquido pelas veias. Você é um ser humano somente no corpo físico. No corpo etérico, você ainda é um animal, mas um animal espiritualizado pelas potências da segunda hierarquia divina”.

O que acabei de resumir para os senhores em poucas palavras é o conteúdo de uma longa instrução proferida pelo mestre, em cujos bondosos olhos o discípulo captava a linguagem celestial. A seguir, o mestre chamava a atenção do discípulo para o terceiro membro da essência humana, que nós chamamos de corpo astral. Ele esclarecia que o corpo astral recebe o impulso da respiração, para tudo o que tem a ver com o ar no organismo humano, para tudo o que como ar lateja no organismo humano. Apesar de que, de certa forma, o elemento telúrico tenta rumorejar no elemento aéreo durante muito tempo depois que o ser humano atravessa o limiar da morte e de que o olhar clarividente capta durante anos os ruidos do corpo astral dos falecidos nos fenômenos atmosféricos da Terra, mesmo assim a Terra e seu entorno nada mais podem fazer perante os impulsos do corpo astral do que dissolvê-los. Porque somente as entidades da terceira hierarquia, os arqueos, os arcanjos e os anjos, podem formar o corpo astral humano.

Assim, para atingir fundo o coração do discípulo, o mestre acrescentava: “Você pertence ao seu corpo físico, na medida em que você absorve e muda o reino mineral; na medida em que você absorve e transforma o reino humano, você pertence aos espíritos do Amor {serafins}, da Harmonia {querubins} e da Vontade {tronos}. Na medida em que você é um corpo etérico, você é no etérico semelhante ao animal, mas você pertence aos espíritos da segunda hierarquia, aos espíritos da Forma, do Movimento e da Sabedoria, e na medida em que você age no elemento líquido você não pertence à Terra, mas a essa hierarquia. E, na medida em que você se acha no elemento aéreo, você não pertence à Terra, mas à hierarquia dos anjos, arcanjos e arqueus”.

Após receber essa instrução, o discípulo deixava de se sentir membro da Terra. Ele passava a sentir, de certa forma, como as forças de seus corpos físico, etérico e astral o ligavam através do reino mineral à primeira hierarquia, através do elemento líquido da Terra à segunda hierarquia e por meio do ambiente aéreo à terceira hierarquia. Assim, o discípulo entendia que ele vivia na Terra apenas através daquilo que ele carregava em si mesmo como sendo o elemento térmico. É assim que o discípulo rosacruz percebia o calor que carregava no seu interior, o calor físico no seu corpo, como sendo o que realmente é telúrico e humano.

Progressivamente, o discípulo aprendia a sentir o parentesco do calor físico com o calor anímico e com o calor espiritual. Enquanto que o ser humano da posteridade gradualmente deixou de conhecer como o seu conteúdo físico, seu conteúdo etérico e seu conteúdo astral se relacionam através do sólido, do líquido e do aéreo com o divino, o discípulo rosacruz sabia corretamente que o elemento térmico é o verdadeiramente telúrico e humano. No momento em que o discípulo do mestre rosacruz se abria para esse segredo da relação do elemento térmico com o elemento humano e telúrico, passava a saber como colocar a sua humanidade em contato com a espiritualidade.

Nesses lares geralmente muito despreziosos nos quais os mestres rosacruzes moravam, antes de receber, às vezes, uma inesperada e bela apresentação, os discípulos eram preparados, cada qual à sua maneira, que frequentemente parecia mero produto do acaso, para prestar atenção ao seguinte: “você deve procurar onde é possível unir a sua espiritualidade à espiritualidade cósmica”. Depois que o discípulo recebia essas instruções que acabei de relatar, ele então podia dizer ao mestre: “Eu me afasto de você com o maior consolo que eu poderia ter recebido na face da Terra. Pois, como você me mostrou que o ser humano na Terra realmente tem o seu elemento no calor, você me deu a oportunidade de conectar o meu corpo físico ao corpo anímico e à espiritualidade. Eu não levo o anímico nos ossos sólidos, nem no sangue líquido e nem na respiração aérea. Eu o levo no elemento térmico”.

Assim é que, naqueles tempos, o discípulo se separava do mestre, tomado de uma enorme paz. E a partir da paz do seu semblante, que era o resultado do grande consolo recebido, o discípulo desenvolvia gradualmente esse olhar benevolente, através do qual a linguagem espiritual pode falar. No fundo, essa profunda instrução anímica foi praticada até as primeiras décadas do século XV, de maneira oculta em relação aos processos que a História superficial relata. Mas aconteceram instruções que atingiram o ser humano na sua totalidade, que permitiram que ele unisse a essência de sua própria alma à esfera do cósmico-espiritual.

Essa atmosfera espiritual foi se dissipando nos últimos séculos. Ela não faz mais parte de nossa civilização. Uma civilização superficial e estranha a Deus se espalhou pelos santuários, onde antigamente ocorria o que acabei de contar para os senhores. Disso tudo hoje só existe a lembrança do que só pode ser vivenciado espiritualmente, anímicamente. É isso que gera o sentimento básico que hoje existe quando se olha para essa época, descrita geralmente {pela História convencional} como sombria, e depois se olha para a nossa época. Mas, o coração se abre para um profundo anseio pois, a partir dos últimos trinta anos do século XIX, pode-se voltar a falar espiritualmente ao ser humano através dessas revelações espirituais.

Essa maneira espiritual de falar não pode ser expressada por meio de palavras abstratas, pois a maneira espiritual exige certos sinais para poder manifestar-se de forma abrangente. As formas do nosso Goetheanum consumida pelo fogo ano passado eram essa forma de linguagem, que cada entidade espiritual deve encontrar para falar ao ser humano contemporâneo. De fato, através dessas formas deveria continuar falando aquilo que, a partir da tribuna, deveria ter sido apresentado como idéias aos ouvintes. De certa forma, com isso o Goetheanum teria oferecido algo que, sob uma forma absolutamente nova, poderia voltar a lembrar o antigo.

Quando o discípulo que seria iniciado adentrava o templo de Éfeso, seu olhar era desviado para essa estátua da qual eu falei nos últimos dias, aquela estátua que lhe falava as seguintes palavras na linguagem do coração: “Une-te ao éter do mundo e verás a Terra e seus elementos a partir das alturas etéricas”. Foi assim que alguns discípulos de Éfeso olhavam a Terra a partir das alturas etéricas. E foi assim que certo gênero de deuses ficou com inveja dos homens. Porém, contra a inveja dos deuses, séculos antes do Mistério do Gólgota, pessoas corajosas encontraram a possibilidade de reproduzir, mesmo que de maneira atenuada mas ainda com efeito continuado, aquilo que a partir dos antigos e sagrados anos do desenvolvimento da humanidade ainda agira eficazmente até o incêndio de Éfeso.

Se o nosso {primeiro} Goetheanum tivesse ficado pronto, também o olhar de quem entrasse pelo lado oeste do prédio seria atraído por uma estátua na qual esse ser humano, por saber ser uma entidade cósmica, seria convidado a se posicionar entre as forças de Lúcifer e de Árimã, numa posição de equilíbrio de sua essência interior, carregado pelos deuses. Quem tivesse olhado para as formas das pilastras, dos arcos, teria como que ouvido uma linguagem que continuaria interpretando a espiritualidade das idéias expressadas na tribuna. As palavras teriam continuado ressoando ao longo das formas {das pilastras e dos arcos} trabalhadas artisticamente. Na cúpula, teriam sido visíveis aquelas cenas que poderiam aproximar o desenvolvimento da humanidade ao olhar espiritual. Quem tivesse chegado a estar em condições de sentir isso, poderia ver visto nesse Goetheanum uma lembrança do templo de Éfeso.

Mas a lembrança {neste instante} passou a ser profundamente dolorosa, como se fosse uma outra {lembrança} de jeito nenhum diferente, uma antiga forma não diferente nesse momento do desenvolvimento, quando o Goetheanum deveria passar a se ele mesmo o portador da renovação da vida espiritual, no momento quando também foi jogada a tocha em chamas nesse Goetheanum.

Meus queridos amigos, a nossa dor foi profunda. A nossa dor foi indescritível. Mas tomamos a decisão de continuar o nosso trabalho pelo mundo espiritual, independente do mais triste, do mais trágico, que poderia ter acontecido conosco. Pode-se ouvir no coração estas palavras: “olhando as chamas que sobem {do templo do Mistério} de Éfeso, vê-se nelas escrita a inveja dos deuses daquela época, quando os seres humanos ainda não eram livres e deviam executar o desejo dos bons e dos maus deuses”.

Na nossa época, os seres humanos se organizam rumo à {conquista da} liberdade. Há um ano, na noite da passagem do ano, olhamos as ardentes chamas, as rubras labaredas, que ascendiam para o céu. Fios de fogo azul escuro e vermelho amarelado agitavam-se nesse mar de chamas, que emanavam dos instrumentos metálicos depositados no Goetheanum e formavam um imenso mar de fogo contendo as mais variadas cores. Olhando essas linhas coloridas no mar de chamas e ecoando a dor da alma, lia-se nelas a inveja dos homens.

É assim que, mesmo nas maiores calamidades, juntam-se aqueles elementos que, de época em época, falam para o desenvolvimento da humanidade. Surge um fio de palavras que expressa uma enorme calamidade dos tempos em que os seres humanos na sua ausência de liberdade ainda olhavam para os deuses lá no alto, mas que deveriam se tornar livres, é um fio do desenvolvimento espiritual, que vai daquela calamidade lida nas chamas - a inveja dos deuses - para a nossa calamidade, na qual estava escrita a inveja dos homens, mas onde o ser humano deveria encontrar em si mesmo a força da liberdade. Em Éfeso, era a escultura dos deuses. Aqui no Goetheanum, era a escultura do ser humano, a escultura do representante da humanidade, do Jesus Cristo, com quem, com toda humildade, pensávamos em identificar-nos, para chegar ao conhecimento, assim como os discípulos de Éfeso passaram para a Diana de Éfeso, de uma maneira que hoje não é mais completamente compreensível para a humanidade.

A dor não arrefece quando, à luz da História, olharmos agora para o que trouxe essa última noite às vésperas do ano novo. Quando me foi permitido subir pela última vez à tribuna que fora construída em harmonia com a totalidade do edifício, o olhar anímico dos presentes naquele momento deveria ser dirigido para a ascensão das regiões terrestres às estrelas, que expressavam a vontade, a sabedoria e a luz do cosmos espiritual. Como eu descrevi nessa ocasião, existia um empate entre alguns dos espíritos que na Idade Média instruíram seus discípulos. Uma hora depois de eu ter falado a última palavra, fui chamado devido ao incêndio do Goetheanum. Nós passamos a véspera do ano novo em meio ao incêndio do Goetheanum.

Meus queridos amigos, é só pronunciar essas palavras e o indizível toma conta de nossos corações, de nossas almas. Mas sempre existiram algumas pessoas que, quando algo sagrado se afastava do desenvolvimento da humanidade, louvavam-no por ter se dedicado ao físico, depois que a dissolução do físico continuava agindo no espiritual. Eu penso que, agora que neste instante estamos reunidos no primeiro aniversário da calamidade do nosso Goetheanum, devemos lembrar que as nossas almas devem ter o estado de espírito correto quando prometemos levar espiritualmente para além da onda do progresso da humanidade o que foi construído junto com o Goetheanum na forma física, na imagem física, assim como o que foi subtraído do olho físico {no incêndio do templo de Éfeso} pelo ato do Herostratos.

A nossa dor impregna o velho Goetheanum. Somente seremos dignos da tarefa que nos foi atribuída de construir o Goetheanum se hoje cada um de nós prestar o juramento de que ficará fiel ao melhor da divindade que leva em si mesmo daqueles impulsos espirituais que moldaram a forma exterior do Goetheanum. Esse Goetheanum nos foi tomado. O espírito desse Goetheanum não nos será tomado, se realmente permanecermos francos e honestos. Ainda mais quando, nesta hora séria e festiva, que ainda nos separa do momento em que um ano atrás as chamas consumiram o nosso querido Goetheanum, nós não somente sentirmos novamente a dor do ocorrido, mas também a partir dessa dor jurarmos permanecer fiéis ao espírito para quem ao longo de dez anos construímos esse santuário.

Meus queridos amigos, se hoje esse juramento interior brotar honesta e francamente do fundo do coração, se conseguirmos transformar a dor, o sofrimento, no impulso que conduz ao agir, então também poderemos transformar o triste evento em benção. Dessa forma, a dor não será menor, mas é a nossa responsabilidade encontrar, justamente a partir da dor, a força para agir espiritualmente.

É assim, meus queridos amigos, que olhamos retrospectivamente para as terríveis chamas que nos encheram de indizível luto. Mas hoje sentimos as melhores forças espirituais tomando posse das chamas sagradas em nossos corações, que iluminam e aquecem espiritualmente aquilo que se queria atingir com o Goetheanum, na medida em que levamos essa vontade através das ondas do progresso da humanidade. Assim, repetimos profundamente neste momento as palavras que eu disse quase no mesmo momento, mas um ano atrás. Naquele então, eu disse aproximadamente o seguinte: Nós vivemos no final do ano, nós devemos viver ao encontro de um novo ano universal.

Oh, se o Goetheanum ainda estive entre nós, essa exigência poderia ser renovada neste instante! Ele não está mais entre nós. Porque ele não está mais entre nós é que nós devemos expressar {essa exigência} com mais força ainda nesta noite de final de ano. Levemos a alma do Goetheanum para o ano novo universal e, a partir do corpo do velho Goetheanum, tentemos erguer um documento {sic} digno, um monumento digno, no novo Goetheanum!

Meu queridos amigos, isso estabelece uma ligação entre os nossos corações e o velho Goetheanum, que tivemos que entregar aos elementos. Mas isso liga os nossos corações ao espírito, à alma, desse Goetheanum. E com essa promessa da nossa melhor essência queremos adentrar não somente um novo ano, nós queremos adentrar com energia, espírito promissor e liderança anímica o ano novo universal.

Meus queridos amigos, os senhores me acolheram, na medida em que se elevaram à memória do velho Goetheanum. Os senhores vivem na memória do velho Goetheanum. Elevemo-nos agora em sinal de que, consoante com o espírito do Goetheanum, nos comprometemos a continuar agindo com as nossas melhores forças que encontramos na imagem da nossa essência humana. Sim, assim seja. Amém. Meus queridos amigos, assim queremos permanecer enquanto pudermos na vontade que liga a nossa alma humana às almas dos deuses, aos quais queremos permanecer fiéis no espírito a partir do qual nós buscamos neles essa fidelidade num determinado momento de nossas vidas, quando buscamos a Ciência Espiritual do Goetheanum. E assim vamos manter essa fidelidade.

* GA 260 *O Congresso de Natal e a fundação da Sociedade Antroposófica Geral 1923/1924*, Rudolf Steiner Verlag, quinta edição, Dornach, 1994.